

EEBIM  
IX  
3236





---

*Trabalho - Março 1911*  
*Volume II*

## Elogio de Joaquim Nabuco<sup>(1)</sup>

---

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Sejam as minhas primeiras palayras nesta soleunidade regular do mais vivo rconhecimento para com os eminentes escriptores que me deram entrada na Academia Brasileira de Letras, em cuja serena atmospherá eu procurava, desde muito, um lugar, embora o ultimo, para desafogo de uma exigencia intellectual que me seguia com permanente insistencia. Evidenciado, entretanto, que não posso aspirar neste instituto senão o que ao mais obscuro dos seus associados compete, é certo que não venho preencher, assim, o vazio que se fêz com a morte de Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, um dos brasileiros que mais dignificaram sua Patria e que melhores vestigios deixaram da sua passagem pêla vida.

(1) Discurso proferido na sessão solenne da Academia Brasileira de Letras, a 7 de Janeiro de 1911.



E se as difficuldades com que luctei para vencer a distancia, que me separava de tão valentes peregrinos, eram para desanimar um espirito menos resolute, sem os habitos das contrariedades torturantes, maiores proporções tomara o meu empenho de triumpho.

Por isso, a minha victoria, de certo indifferente á grande totalidade dos nossos homens de letras, tem o alcance para mim de um successo francamente premeditado, de uma aspiração vivamente satisfeita. Confesso-vos que me sinto orgulhoso desta approximação que me deu a segurança da vossa generosidade sem restricções.

Comtudo, não levo a minha vaidade natural ao ponto de acreditar que resultasse do meu valor pessoal o acolhimento que tive nesta casa. E' que todos vós tendes acompanhado o desdobramento dos factos que desde muito illustram os melhores capitulos da nossa historia e sabeis que á instituição das armas cabem algumas dessas conquistas com que vamos entrando no concerto da civilização universal. Sabeis ainda que o estandarte dos nossos regimentos e batalhões sempre tremulou arrogante nas mais longinquas paragens d'êste continente, onde o dever militar nos tem conduzido e quisestes, talvez, por êste meio fidalgo, dar uma prova solenne de consideração ao Exército Brasileiro, na pessoa do seu obscuro representante, que buscou a vossa companhia. Não fôsse o vosso sentimento de patriotismo, tantas vezes manifestado em producções, que vão além das nossas fronteiras litterarias, victoriosamente; não vos arrebatassem os feitos das nossas legiões antigas, através de aldeias e cidades remotas, para reprimirmos os excessos dos tyrannos, para libertarmos povos escravizados, e não me concederíeis, certamente, tamanha distincção. Não foi, portanto, ao modesto narrador das nossas ultimas desavenças politicas que prestigiastes com o vosso acolhimento franco, mas sim ao Exército Nacional, que resumistes no mais obscuro dos seus generaes. E, assim, profundamente convencido dessa palpitante realidade, eu vô-lo agradeço em nome da minha classe, em nome das suas gloriosas tradições.

E, comtudo, se eu não viesse occupar o solio de onde pontificara Joaquim Nabuco, sob a evocação de Maciel Monteiro, talvez não me pesasse a responsabilidade esmagadora, de que não tenho meios de libertar-me airoosamente.



A ultima vez que o laureado escriptor e diplomata veio ao Rio de Janeiro, em 1906, eu estava em Mato Grosso, e nem sequer me foi dado, nessa quadra de intensa vida internacional americana, ver os estragos que o tempo havia produzido nesse moço elegante e forte, de uma belleza insinuante e attrahente, que até aos homens impressionava e seduzia. Elle dirigia os movimentos de um congresso em que se trabalhava pêla aproximação continental americana; eu conduzia batalhões e bocas de fogo para restabelecer a harmonia de uma população alarmada pêlo incendio da lucta civil, a mais brutal e apaixonada de todas as luctas humanas. Alli, se fazia a apologia da fôrça do direito, tão bellamente desenvolvida, entre nós, pêlo nosso brilhante compatriota Dr. Sá Vianna; aqui, se ostentava o direito da fôrça, que não é uma convenção formulada em capitulos admiraveis, cuja technica constitue o encanto de protocollos complicados e cujos textos se rompem ao primeiro assomo de violencia mal contida. « Le droit de la force tan honni est non seulement le prémier en date, le plus anciennement reconnu, mais la souche et le fondement de toute espèce de droit », dizia Proudhon. Nós, entretanto, nunca usamos dêsse direito senão em defesa legitima, senão para mantermos illesa a soberania da Patria.

Acredito que um diplomata pode bem ser substituido, em lugar de destaque, por um general, porquanto um general, como o idealizam os mestres da guerra, deve ser, invariavelmente, um diplomata tão galante e astuto nos salões das grandes embaixadas, como sereno e vigilante nas luctas internacionaes, onde se jogam os destinos das nações em litigio. Nabuco, porém, não era simplesmente um diplomata como qualquer pretensioso, apenas recommendavel pêla correcção de sua farda bordada ou de uma casaca da ultima invenção do Príncipe de Galles: era primeiro um intellectual, apaixonado pelos grandes acontecimentos da historia, e, como elle mesmo refere, ainda novo, « Lamartine, Thiers, Miguet, Louis Blanc, Quinet, Mirabeau, Vergniaud e os girondinos, tudo passara, successivamente, pêlo seu espirito », já grandemente illustrado nos fastos politicos dos principaes povos do mundo. Depois era um mundano dos mais requintados e victoriosos, que passara por todas as sensações violentas dos meios mais exigentes, das sociedades mais apparatusas, na Inglaterra como na França, na Italia como nos Estados Unidos da America do Norte.



Nascido na então provincia de Pernambuco, em 1849, Joaquim Nabuco fêz a travessia da existencia, de criança, a adulto, sem difficuldades materiaes, sem os embaraços que a escassez de recursos cria, e já do collegio se interessava pelas idéas politicas de seu pae, o Senador José Thomaz Nabuco de Araujo. Sua educação literaria foi desde o comêço encaminhada para centros de maior actividade, para outras civilizações mais ruidosas, sem que, talvez, elle mesmo percebesse a intenção de quem o guiava com esse destino. Dahi resultava conhecer melhor o francês e o inglês do que a lingua de seu país, que lia relativamente pouco. E assim, quando foi impellido pêla espontaneidade do talento ás suas expansões literarias, fêz prosa e versos em francês e lançou á publicidade um volume intitulado *Amour et Dieu* que, segundo Rénan, a quem fôra destinado um exemplar, traduzia o sentimento de um verdadeiro poeta.

Uma vez em Paris, aos 24 annos de idade, Joaquim Nabuco conseguiu approximar-se do auctor da *Vida de Jesus* por quem, nessa phase da sua vida, tinha o fanatismo das grandes admirações, o respeito quasi divino de um Deus em plena terra. Por intermedio de Ernesto Rénan conheceu Taine, Scherer, Littré, Laboulaye, Charles Edmond, George Sand e Saint Hilaire, que o apresentara a Thiers, como de resto, elle proprio conta no livro de *Minha Formação*.

Não podia haver melhor companhia para um homem de letras estrangeiro e é facil de perceber com que distincção, assim prestigiado, Nabuco apparecia nos principaes focos mundanos de Paris.

E' um trabalho singularmente penoso, meus senhores, para quem não viveu na intimidade do eminente brasileiro, que foi o nosso embaixador na America do Norte, a synthese da sua fulgurante carreira, como politico, cscriptor e diplomata, e de quem dizia o ex-ministro Root: « A largueza da sua philosophia politica, a nobreza do seu idealismo, a visão prophetica da sua imaginação de poeta, eram nelle reunidas á sabedoria e sagacidade practica de homem de Estado, a um sympathico conhecimento dos homens e a um coração sensível e affectuoso, como se fôsse uma mulher ». Por isso que ahi fica, já se vêem traços ligeiros da sua physionomia moral e intellectual, da sua individualidade, evidentemente superior.



E, comtudo, se fôsse mister isolar-se das grandes fascinações que estragam a alma e o corpo; que constituem a suprema felicidade de quem nunca soube o que eram restricções nos seus desejos saciados, Joaquim Nabuco não resistiria de certo. Se tivesse de embrenhar-se nas solidões de um país selvagem, como Humboldt ou Euclides da Cunha; nas sombrias regiões dos Andes ou das florestas amazonicas brasileiras, não supportaria um mês. Matava-o a nostalgia dêsse tumultuoso meio, onde formara o espirito delicado.

Não me parecc que Joaquim Nabuco tivesse, jamais, difficuldades que o contrariassem de leve, ao menos. Em vez disso, foi um victorioso por toda a parte, onde quer que o levassem os successos do seu tempo. Ainda creança, começou a viver em uma atmospheria de homens illustres, cujas doutrinas politicas ouvia com o interesse que lhe vinha das primeiras preoccupações da sociedade: Tavares Bastos, Theophilo Ottoni e Saldanha Marinho, para não falar de outros, que ainda existem dessa phase, cada um com seu feitio proprio, nas combinações da sua estrategia de combate. Demais, quando se é filho de um primeiro ministro, mesmo em adolescente, não se podem evitar caricias requintadas, de uma ternura muitas vezes doentia, solicitações as mais insistentes para o gôso, para as alegrias da vida, de toda a gente que tem os olhos no sol e até da que vive em tórno do sol, bem aquecida dos raios abrasadores do grande astro. Isto é humano, e Joaquim Nabuco não escapara ás condições mesologicas do seu tempo. Começou o joven brasileiro a desenvolver-se em um ambiente calmo do Segundo Imperio, na convivencia dos reguladores das situações dominantes, e por maiores que fôsem as suas impressões sôbre os systemas politicos victoriosos nos Estados Unidos do Norte, na França, e na propria America do Sul, e, apesar de lhe contarem os seus auctores as peripecias das grandes revoluções da humanidade para victoria da democracia, cedeu ás contingencias do meio que o absorvia e fêz-se monarchista decidido, inflammado, de cujas normas se convenceu ainda mais com a leitura de Bagehot, que lhe pintara a monarchia inglesa com o prestigio deslumbrante da majestade, «da pompa, do apparatus, para satisfazer a imaginação das massas». Era, todavia, susceptivel de modificação radical politica e, de facto, mais tarde tivemô-lo na vanguarda das nossas instituições vencedoras em 15 de Novembro de 1889, hon-

rando sua Patria e conquistando mais brilho para o seu nome já feito.

O que admira é que esse homem, nascido sob tectos de ascendentes já então cercados de recursos abundantes e que viveu como os principes de raça nos paços de seus paes, indifferente ás necessidades do dia seguinte, consciente do seu valor, consagrado pêlo talento dentro e fora do Brasil, fôsse de uma acessibilidade captivante, quasi ingenua, dizem os que ainda restam do seu convívio inesquecível.

Podendo tornar-se um despota intellectual em seu país, como foi Goethe quando se apercebeu da sua influencia na Alemanha; podendo cercar-se da legião dos incapazes, que formam as maiorias nas letras e nas artes para abater o animo dos que lhe pudessem fazer sombra segundo o processo do auctor do *Fausto*; dominou pêla bondade, pêla fidalguia do seu trato e pêla elevação dos seus principios. Andou pelo jornalismo de S. Paulo, desta capital e de Pernambuco, doutrinando os principios reguladores do seu monarchismo victorioso na Inglaterra, onde as instituições reflectem a vontade de um povo normalizado pelos sentimentos de raça, de disciplina social e de confiança dos seus destinos; depois entrou para a Camara dos Deputados e logo se manifestou um orador eloquente, arrebatador e emocionante, ao serviço da liberdade de tantos brasileiros, que concorriam para nossa prosperidade, que faziam a nossa riqueza e até que iam de terra em terra conscientemente defender a honra da Patria commum; a isso juncte-se o polemista elegante, incisivo e cruel, que feria sem deixar cicatrizes no adversario.

E, comtudo, não ficaram ahi as cogitações da sua actividade politica e social. Era preciso não adormecer sôbre os louros das ultimas victorias. Por isso, acreditando em uma monarchia que pudesse conciliar as nossas aspirações do momento, como se tivéssemos as tradições, os costumes e a educação do povo alemão, tentou, por meio de um projecto de lei, desdobrar a forma unitaria do imperio gasto, em uma monarchia federativa, aliás de alguma sorte sympathica aos republicanos activos, porque dava esperanza de uma transformação radicalmente democratica, definitiva.

Sempre apaixonado pêla liberdade da nossa população escravizada, cuja nodoa infamante para a Nação elle via com seu grande coração dilacerado, nunca os comicios populares, aqui e no Recife,



tiveram mais arrojado tribuno e nunca esses abandonados da sorte ouviram palavra mais convencida, cruzado mais cheio de fé. Foi talvez a phase mais brilhante da sua vida. Richelieu destruiu a importancia politica e tyrannica dos protestantes na França de Luiz XIII ; Joaquim Nabuco fêz mais : conquistou para uma raça maldita todos os favores da civilização e do trabalho. Não precisava de mais nada para a sua immortalidade.

Tomemô-lo agora, de relance, como o investigador que leu, com a impaciencia das grandes curiosidades, as obras primas de todas as literaturas, desde a mais remota antiguidade até os ultimos dias da sua victoriosa existencia.

Nada lhe escapou nessa busca incessante pêlas bibliothecas mais afamadas do Oriente e da Grecia, de Roma e da Italia, da França e da Inglaterra, da Alemanha e de Portugal. Mas, quando me fôsse dado acompanhá-lo de longe, sequer, por entre as escavações de obras lidas, que elle ia abandonando após uma assimilação exacta, não era isso trabalho para uma solennidade que tem as horas contadas, muito restrictas. E depois dessa peregrinação intellectual, em cujo longo percurso foi Joaquim Nabuco caminhando de braço dado com Moysés, na obra-prima da humanidade ; com Homero e Eschylo, na epopéa e na tragedia ; com Virgilio e Dante, Tasso e Camões, e depois de colher os melhores ensinamentos de letras e artes resumidas nos monumentos literarios dêsses divinos guias, escreveu e publicou trabalhos que illustram a nossa literatura, aliás já bem enriquecida por muitos escriptores de nota e, principalmente, por aquelles de quem venho de me approximar nesta casa.

Figuram no mercado das livrarias e nas estantes dos escriptores mais exigentes, onde se lê o portugûes e o francês, os seus livros que se denominam : *Camões e os Lusíadas*, *Minha Formação*, *Pensées delachées et souvenirs*, *Um estadista do Imperio*, *Balmaceda* e outros trabalhos colleccionados em volumes de mérito.

De todos os grandes poetas enumerados, entretanto, o que mais feriu a imaginação de Joaquim Nabuco, pêla forma e pêlas torturas da sua vida martyrizada, foi o divino Camões, com os seus amores infelizes, sempre perseguido dos homens e da sorte.

E para exalçar o genio do grande poeta lusitano, Nabuco affirma que a *Divina Comedia* não vale os *Lusíadas* e accrescenta que a



trilogia dantesca não é propriamente um poema épico : acha que é um poema phantastico.

E terá razão o investigador brasileiro ? Di-lo-á o eminente escriptor Dr. Carlos de Laet, se quiser amparar-me nesta questão que, de certo, envolve o amor proprio de Portugal, a sympathica e auspiciosa Republica de hoje. Comtudo, eu penso que para dar corpo ao que existe, visivel ao observador attento, basta conhecer os processos de reprodução dos objectos que nos ferem a imaginação, e essa copia será tanto mais exacta quanto maior for a habilidade do artista, do mecanico ou do scientista, encarregado de semelhante copia. Effectivamente, traçar as normas de um poema heroico, condensar os elementos que fazem o seu objecto, dar vulto á idealização da epopéa, e por fim movimentar o seu conjuncto com a regularidade dos astros, eternamente em gyro, na immensidão do espaço, é empresa para o genio de Homero ou de Camões, em cujos cantos a paixão, o heroismo e o amor nunca foram mais prestigiados. Eu penso que Homero e Dante modelaram os dois grandes typos do poema heroico, cada um com o seu feito original, cada qual exprimindo as acções do seu tempo pêlo heroismo de povos conquistadores ou pêlas discordias e pêlas injustiças dos homens contra os homens.

Na realidade, Camões foi o echo vibrante das tradições gloriosas de um povo destemido e laborioso, que teve dominios nos mares e continentes ; mas no Dante, por isso que preponderam na *Divina Comedia* a imaginação e a phantasia, ha mais genio creador do que no poeta dos *Lusiadas*, ha mais originalidade, ha mais poder e motivo e só pode ser comparado com Homero, de cuja obra gigantesca se originaram as artes e as letras da Grecia ; Homero, entretanto, teve imitadores em Virgilio e Camões, para não falar de outros ; o Dante ainda não foi imitado por ninguem, e tal é a grandeza da *Divina Comedia* que, segundo o proprio Nabuco, « é a creação da Idade Media com a sua logica, seu mundo de espiritos, sua escuridão, sua noite ».

Joaquim Nabuco atravessava a melhor quadra da sua radiante mocidade, quando, em 1872, publicou o seu livro de *Camões e os Lusiadas*. Identificado, por uma forte concentração de estudo, com os sentimentos do poeta lusitano, pintou o seu idolo com excepcional relêvo, através da sublime epopéa cheia de incidentes valorosos em

cujo desdobramento transparece nitidamente a historia de Portugal e para cujo pretexto buscara Camões a temeraria viagem de Vasco da Gama ás terras occidentaes da Asia. Os amores, as desventuras, os soffrimentos e as melancolias de Camões inspiraram essas paginas de erudita eloquencia, a que o escriptor brasileiro deu todos os tons de desalento, de paixão vehemente, fazendo por vezes cotejos entre os maiores poetas da humanidade, sempre arrojados.

E concluiu, dahí, Joaquim Nabuco, que nenhuma vida foi « mais cheia de amarguras, nem mais digna de estima » do que a do cantor dos *Lusiadas*.

Buscar de novo o delicado escriptor nacional na turbamulta dos homens e dos factos que elle examinou em toda a sua obra politica e literaria, seria mostrá-lo com todas as proporções do seu privilegiado talento, mas eu já tenho abusado muito da vossa generosa attenção, de modo que nem sequer me é dado ferir as passagens mais tocantes do livro de *Minha Formação*, por onde decorre todo o perfume da sua existencia de menino e adulto, e nem ao menos posso falar da personalidade sympathica e serena de seu pae, o Senador Nabuco de Araujo, que elle estudou em três fortes volumes, e em cujas ultimas paginas, de certo as melhores da obra inteira, sente-se a magua da ingratição eom que feriram a alma sensivel do notavel estadista em face de uma preferencia talvez injusta do Imperador D. Pedro II.

Dizem que Joaquim Nabuco não foi bem um escriptor profissional, um poeta ou um artista, como o entendem os conhecedores dessa technica do bello. Não posso entrar nesta apreciação escabrosa tanto mais quanto apenas fiz uma leitura superficial das suas obras e tambem porque me falta competencia para julgá-lo.

Perebe-se que em Nabuco predominara o sentimento do appato, a paixão do ruido mundano e que elle não seria capaz de sacrificar um momento dessa necessidade psychologica a uma inspiração genial, cuja synthese fôsse preciso aproveitar no isolamento de si proprio, immediatamente, como o faria Coelho Netto, por exemplo. Penso, entretanto, que no publicista espontaneo e elegante, se encontra o escriptor, o artista emocionante, profissional ou não, e, por fim, o diplomata de raça.

Foi esta ultima feição dos ultimos tempos da sua vida que lhe deu grande relêvo na Europa e nos Estados Unidos da America do



Norte e em cujas complicações officiaes tornou-se digno de um principe de Metternich ou de um principe Bismarck.

Os trabalhos que desenvolvera na Italia em defesa do nosso litigio com a Inglaterra e que echoaram em todas as chancellarias dos grandes paizes; a confiança que inspirara no corpo diplomatico americano, chegara, no dizer de Root, a dar-lhe o cunho de « figura dominante do movimento internacional da actualidade ».

A diplomacia absorvia, assim, por vezes, o homem de letras, o artista da prosa e do verso, por vezes tambem abrasados de entusiasmo e de paixão.

E' facto averiguado que a literatura de um povo dá exactamente a medida dos sentimentos dêste, da sua civilização, dos seus habitos e costumes e, no dizer de Heine, sua historia é a grande « morgue où chacun vien chercher ses morts, ceux qui ou a des lien de parenté ». Da sua feição preponderante se colligem as situações e tendencias de uma época, assignalada por acontecimentos que perduram e que reflectem as condições mesologicas de uma collectividade. Nem outra idéa nos alimenta a philosophia da historia.

Assim é que até o apparecimento de Goethe e Schiller, os escriptores da soberba Alemanha gastavam o seu talento e a sua erudição em descoradas imitações de uma antiguidade grega já desfigurada na França e fazia reviver o prestigio da idade média com tudo que falava dêsse piedoso tempo, com as suas cathedraes mysteriosas, de seu conjuncto architectonico sumptuoso, na sua ornamentação apparatusa e nem mesmo o espirito cavalheiresco de campeões aventureiros, se lhes apagara da imaginação, incapaz de produção original. Imitaram-se com toda a santidade as peças de Calderón de la Barca, de cujas paginas inspiradas nas doçuras do christianismo tinha-se a sensação do perfume que se evolava do sagrado incenso pelos templos abertos á contricção dos fieis, era o espiritualismo com a sua feição melancolica, renascido das obras de arte catholicas da idade média: na tela, no marmore e em todos os actos dessa tocante religião poetica. Era o sentimentalismo de uma phase doentia da humanidade, reconstituída em um país cuja originalidade literaria havia desapparecido com os seus grandes escriptores. Cada país, portanto, vazado em moldes de civilização antiga ou moderna, tem os seus escriptores que falam do seu tempo na posteridade, e nós tivemô-los tambem, resumidos



em Thomás Gonzaga, José de Alencar e Joaquim Manoel de Macedo.

Joaquim Nabuco pertence, entre nós, a essa familia de escriptores que mais realce têm dado ás nossas glorias, a qual vem de quarenta annos se renovando sempre, e que atravessa victoriosamente esta phase movimentada da nossa vida politica e social, fortalecida péla fé que lhe domina a alma generosa, cujo sentimento constitue o primeiro elemento do triumpho artistico.

Algumas das suas obras irão á mais remota posterioridade e nunca, portanto, seu nome desaparecerá da nossa literatura, já hoje a mais rica, talvez, do continente americano.

A triste noticia da sua morte, lançada de repente, inesperadamente, no Brasil inteiro, tomou as proporções de um desastre colossal. Estava muito em evidencia nesse momento terrivel para não ser assim. Ninguém calculava, de certo, que esse homem, havia pouco, tão empenhado nas questões de maior vulto das duas Americas, estivesse ás bordas do esquife que o recolhera, por entre as saudades do grande povo, cujo lucto, nesse momento, se confundiu com o nosso.

Sabem todos o respeito com que foi tratado o cadaver de Joaquim Nabuco pélo govérno dos Estados Unidos e as solennes manifestações de pesar que foram tributadas em sua honra. Essas demonstrações na hora derradeira tomaram as proporções dos grandes acontecimentos na America do Norte, tal era o valor do nosso egregio morto na poderosa Republica amiga, e, ainda hoje, de certo, a casa em que morreu o illustre brasileiro será olhada com accentuado pesar pelos homens de espirito que privaram com o nosso immortal patricio. Sirva-nos ao menos tão significativa homenagem ao diplomata extinto de imperecível consôlo. Conduzido a seu país em um elegante cruzador, dos mais poderosos actualmente, coube-me a piedosa missão de assistir, em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o desembarque do caixão, que encerrava os seus despojos e depois acompanhar todas as ceremonias dos seus funeraes pranteados, até á partida do feretro para a cidade do Recife, onde o deixaram, por fim, na solidão de um campo santo.

Sigamô-lo agora nos seus exemplos de patriotismo, na justiça das boas causas, em tôrno das quaes se bateu, entre os mais arrojados. Em vez da lucta esterilizadora em que nos empenhamos, desde algum



tempo, proclamemos, cheios de confiança, o direito de todos os brasileiros aos favores do nosso pacto fundamental, e, se houver classes privilegiadas no país, acabemos com essa ilegalidade que o nosso regimen não comporta. Accentuemos bem que todos os homens desta nação livre devem ter os mesmos direitos politicos e de representação, na esphera da sua competencia, seja socialista exaltado ou republicano radical, catholico ou protestante. Na lucta pelos principios, o vencido de ontem pode ser um bom elemento de conciliação amanhã.

No trabalho de reconstituição da Patria, sejamos todos brasileiros e respeitemos os direitos de todos.

O que precisamos neste momento é de orientação politico-social e que a fôrça brutal dos canhões aperfeiçoados seja apenas um instrumento da civilização, da liberdade e da justiça.

Onde houver o culto da justiça não pode vingar a planta da tyrannia, cujos ultimos rebentos se extinguiram nos paeses americanos.

E' sob estas singelas impressões, vingadoras desde que as sciencias exactas libertaram o sentimento humano de theorias imaginosas, subjectivas, que venho occupar o lugar que me destes na Academia Brasileira de Letras, a cuja posição me sinto profundamente orgulhoso.

**Dantas Barreto.**

(da Academia Brasileira.)



---

---

## *Discurso de recepção* <sup>(1)</sup>

SR. GENERAL DANTAS BARRETO:

Não ha para nós, os membros da Academia, senão fundado orgulho no jubilo que manifestaes pêla vossa eleição, objecto, como dissestes, de uma aspiração longamente premeditada e proseguida com laborioso empenho.

Por um impulso de modestia, que é a polidez dos que do seu proprio merito têm nitida consciencia, começastes ponderando que os suffragios concedidos á vossa candidatura antes do que a vós o foram ao Exercito Brasileiro, fidalgamente ora acolhido nas fileiras academicas, como valioso collaborador que já iria entrando no concôrto da civilização universal. Vossa eleição teria assim a nota de uma distincção impessoal, não discernida a um escriptor, mas ao soldado brasileiro. Ora, excusac-me, General e confrade, se nesse atalho de vossa modestia, ousou antepor-vos as resistencias da verdade. O triumpho

(1) Discurso proferido na sessão solenne da Academia Brasileira de Letras, a 7 de Janeiro de 1911, ao ser recebido o General Dantas Barreto.



agora é vosso, e todo vosso, porque entre nós, os homens de letras, a victoria do exercito já desde muito se pronunciara, e, como alguns eventos celebres, sem as rudezas sangrentas de um combate e muito mais philosophicamente por um concôrto de adhesões.

Se como lá disse o quinhentista Ferreira « não fazem mal as Musas aos doutores », bem certo é que sorriem aos militares, nem precisamos sair da peninsula de onde nos vieram o sangue e a civilização, para lembrar que militarão Camões e Cervantes, isto é, a poesia portuguesa e a prosa espanhola ; que foi um official do exercito aquelle Francisco Manoel de Mello, historiador das guerras da Catalunha, inimitavel dizedor de vernaculidades em dois idiomas ; e que, em quadra mais moderna, galhardo commandou Latino Coelho o batalhão dos estylistas portugueses. Mas porque, Sr. General, atravessarmos o Atlantico em busca de exemplares onde se tenham alliado armas e letras, se mesmo entre nós, nesta nossa Academia, ainda ontem nascida, varios já se contam os militares que nella têm tido assento ?

Mesmo antes de envergarem a farda academica, alguns dos nossos confrades poderiam garbosos ostentar a das milicias patrias ; e não porque o ignorais ou o tenhaes esquecido, mas pêlo prazer que sinto em falar-vos delles, permitti que vô-los mencione. Sem já vos dizer do nosso ex-Secretario geral, Medeiros e Albuquerque, cuja ausencia deploro, e que é coronel de uma artilharia cidadã, eu vos cito Urbano Duarte, official, como vós, do exercito, e nem por isto menos laureado como fino humorista nas lides do jornalismo ; Alfredo d'Escragnolle Taunay, que vos precedeu imitando a Xenophonte e narrando proezas da expedição em que tomou parte conspicua ; e esse Euclides da Cunha, que tambem foi soldado, que tambem foi general nas letras, e cuja tragica sombra como que entre nós ainda vagucia, semi-velada em um nimbo de saudade.

Pertencis, portanto, illustre confrade, a uma classe que nada tem de antinomica ás letras ; e, se mesmo aqui fizesseis questão das vossas bordaduras de general, nós vos sentariamos de par com Jaceguay, o glorioso Barão da Frentc, hoje o mais lendario vulto da nossa marinha de outrora, e que, nos intervallos de uns debates onde apurassemos questões lexicographicas, poderia contar-vos feitos de outros tempos, quando os nossos navios, pujantes amphibios, se entranhavam rios a



dentro, espedaçavam cadeias e no amago do continente plantavam a nossa bandeira e firmavam a nossa hegemonia.

Não são, pois, os vossos titulos militares que vos dão entrada neste recinto, mas as valiosas contribuições com que tendes augmentado o cabedal da nossa literatura historica.

Ha quem prefira neste genero as ponderadas sentenças de escriptores que de muitos annos, senão seculos, foram posteriores aos successos. A historia (dizem esses taes) por semelhante modo mantém a fria e imparcial compostura do juiz, cujo espirito queda isento de toda paixão conturbadora. Talvez assim seja para a correcta judicatura dos factos ; mas, em verdade, assim não é para os aspectos literarios da historia, tanto mais sentida e vivida quanto mais proxima dos eventos que relata. E, eu vô-lo pergunto, porque é que entre todas as histórias europeas é a franceza a mais interessante, a que mais na memoria se nos grava, a que em relêvo mais nos deixa as suas personagens, aquella, enfim, de que mais duradouras nos permanecem as impressões ? Simplesmente por ser a mais opulenta em memorias.

Quasi todos os homens notaveis da França têm querido por si mesmos falar á posteridade e dizer-lhe de si e das coisas da sua época ; e assim como, na região amazonica, tantas vezes magistralmente descripta pelo nosso José Verissimo, parallelas ao curso do rio gigante se deslisam, cruzam e anastomosam infinitos « furos », igarapés e braços secundarios, complicadissima trança que permite seguir a direcção do Amazonas sem propriamente navegar no Amazonas, assim tambem na vasta bibliotheca das memorias, epanáphoras e monographias historicas francezas, uma intelligente escolha dèsses escriptos, methodica e chronologicamente coordenados, bem poderia, como alguém já disse, supprir a verdadeira e classica historia, tal qual a entendem os tratadistas.

Vossos trabalhos, Sr. General e confrade, não são exactamente « memorias », mas destas se approximam pelo cunho de presença individual que em quasi todas imprimistes. Os casos de guerra que contaes, vós nelles houvestes grado quinhão, « quorum pars magna fuisti ». Vós as ouvistes sibilar, as balas que perpassam em vossas narrativas. Vós as padecestes, as angustias de interminas jornadas. Vós os vistes mal feridos e agonizantes, os camaradas cujo transitio



commemoraes... E sob a calculada placidez do vosso phrasear, ainda quando de vós mesmo « more Cæsaris » apenas falacs em terceira pessoa, scnte-se que no escriptor está o combatente e que, desopprimido da farda nos lazeres literarios, é ainda sob a impressão da campanha que vos palpita o coração de soldado.

Assignalando destarte as qualidades e excellencias da vossa obra historica, tenho implicitamente desenhado o reverso das medalhas que burilastes : quero dizer que vossos livros e, aliás todos os congeneres, cumpre que sejam tomados como prestantes e probidosos depoimentos para o definitivo juizo da posteridade, e não como sentenças finaes de graves pleitos. Homem da vossa época, participacs das paixões e preconceitos da occasião e nem scmpre vos isentaes do influxo politico.

Tal succede, por exemplo, illustre General e confrade, quando, ao narrardes o abandono de Corumbá, na vossa obra *Impressões militares*, achastes ensejo para profligar o descalabro do nosso exercito, dolorosamente surprehendido pêlas brutalidades da aggressão paraguaya, e então dizeis que neste continente viviamos — « apenas confiados na muito apregoada sabedoria de um rei inimigo do exercito ». (Op. cit., pag. 3.)

Relevae, General, que vô-lo diga, não ha nisto a imparcialidade de que em outros lugares destes prova. O despreparo dos nossos clementos bellicos, quando inopinado nos atacou o segundo López, era antes o resultado, não da hostilidade ou desamor do soberano para com o exercito de Caxias, e a marinha de Tamandaré, mas o consecario de uma politica que, tendo creado a organização militar do Paraguay, e esperando que em boa e leal amizade fructificasse a sementeira de tal politica, absolutamente não curava de aggressões externas e de corpo e alma se entregava aos labores do seu desenvolvimento, nas industrias e no commercio, nas letras, nas artes, nas omnimodas manifestações de uma labuta fecunda.

Felizmente, General, para a causa e final apuração da verdade, pertenceis ao numero daquellas honradas testemunhas que, citadas ou para accusação ou para a defesa, em nada alteram a legitima exposição dos factos ; e assim já em outro lugar dêsse mesmo livro eu vos encontro a bosquejar as ruinas do exercito, em 1894, cinco annos após a decretação do exilio do ultimo Imperador e quando os revol-



tosos ameaçavam o Paraná. Ahi citaes palavras de um cabo de guerra, o General Argollo, em longo despacho ao govêrno da Republica. Li-cito me seja relembra-las :

«E' indescritivel, escreveu Argollo, a balburdia e o estado de desorganização em que tudo encontrei, quasi nada existindo. Não ha infantaria e a insignificante que existe está desprovida de fardamento, absolutamente sem instrucção ; a cavallaria sem pessoal e sem cavallos, armada agora a carabinas, que o governador emprestou ; a artilharia não tem arreiamento ao menos para puxar uma peça, porque o existente foi dado em consumo «ha quatro annos » ; pêlo que mandei apromptar rapidamente, no commercio dêste lugar, o necessario para quatro canhões. Não ha munição alguma, e só a custo consegui saber o material e o pessoal de cada corpo...» (*Impressões militares*, pag. 55.)

Outro qualquer, General e confrade, cuidadoso occultaria esta grave e deprimente revelação : vós corajosamente a exarastes. Na primeira pagina de cada um de vossos livros poderieis ter escripto aquillo de Montaigne : «C'est icy un livre de bonne foy...» Mas, por outro lado, deixae que disto em prôl da justiça eu tire proveito e concedei-me ao menos que no descalbro de 1894 nenhuma culpa teve o soberano que pintaes como infenso ao exercito.

Em uma das vossas narrativas, a que se intitula : *Accidentes da guerra*, entremcastes de um episodio romantico o triste capitulo das operações em Canudos. Ainda vibrante dos recontros, procurastes eleva o vôo acima do solo ensopado em sangue e alar-vos aos paramos da ficção ; porém, mesmo ahi permanecis historiador. *Trahit sua quemque voluptas*. Se Coelho Netto, o phantasista infatigavel, tentasse escrever uma historia, acredito que sairia um romance: vós tentastes esboçar um romance, e as vossas personagens, ficticias ou romantizadas, diluem-se e desaparecem no severo quadro da historia. São paginas verdadeiramente historicas as dos *Accidentes da guerra* e quem quiser conhecer o que foi a derrota de Canudos, consecutiva á morte de Moreira Cesar, tem de ler e meditar as sinceridades do vosso livro.

Não reproduzirei aqui os pungentes lances dessa obra por não lançar na vossa festa a nota melancolica de tamanho morticinio ; mas dever meu é assinalar a pujança pinturesca, a faculdade de pintar,



escrevendo, que em vossos livros se depara — faculdade que sem duvida tinha em vista o velho Horacio, quando no mesmo verso, ampliando licenças para duas classes de artistas — « pictoribus atque poetis » — assim equiparava os poetas da pintura e os pintores da palavra.

Abrimos, por exemplo, os citados *Accidentes da guerra*, e ahí, por sôbre a agonia de Moreira Cesar, encontramos — « a madrugada cariciosa e pura, que ao fulgor das estréllas rebrilhantes no engaste azul do ceu dava umas tonalidades vivas á terra, enquanto esta, berço da grande vida universal, começava a despertar para o eterno concérto do trabalho e movimento ». (Pag. 140.)

Os intrepidos cavalleiros dos pampas, nós os vemos na *Invasão do Paraná*, — « em cavalgadas emocionantes, através de campinas interminaveis e verdes coxilhões serenos, de sombreiro ladeado, com fita larga em tórno da copa afunilada, lenço de vivas côres ao pescoço, cujas pontas esvoaçavam ao vento rijo, ás vezes morno pêlo contacto da terra abrasada, outras vezes frio como os gelos das regiões antarcticas, por onde passavam ». (*Impressões*, pag. 92.)

« As ruas povoadas da cidade, cujo movimento nos tempos normaes dava a nota alegre de uma vida intensa, achavam-se, desde o dia 18, quasi totalmente desertas no desolamento de um abandono precipitado ; em todas as direcções viam-se grupos sem destino, ao acaso, olhando fixamente para quem encontravam, dominados do mesmo terror, com gestos de interrogação, quasi desvairados. Homens e meninos, trepados pelos telhados dos mais altos edificios affirmavam que viam, para as bandas do sul, fortes columnas federalistas descendo das collinas, com as suas baionetas reluzentes, ao sol chispante de Janeiro ; outros, applicando o ouvido, em uma attitude de attenção concentrada, garantiam que estavam ouvindo o troar da grossa artilharia implacavel, e, nessa desordem dos sentidos abalados, já presentiam a cidade arrasada pêlas balas de Gumerindo... Carroças grandes, coloniaes, abarrotadas do que mais facilmente podiam transportar, em cuja confusão de objectos necessarios se viam camas de todos os feitios, colchões velhos ou novos, travesseiros de fronhas rendadas ou nús, e, se é possível animar um pouco este desenho a que faltam tintas vigorosas, — viam-se ainda, ao collo de mães robustas, quasi loucas de medo, gentis creanças somnolentas, dormindo des-



preocupadas, com os labiozinhos semi-abertos, por onde, de quando em quando, se escapavam sorrisos candidos e puros.» (Pag. 134 e seg.)

Algum receio, General e confrade, vos accomette de não possuídes tintas assás vigorosas, — e não sem motivo, pois que a certo grupo ha de o vosso estylo parecer menos colorido e talvez o vosso exito menos opulento, nesta quadra de exaggerados chromatismos e de orgias vocabulares. Quando, nas literaturas em crise, reina o abuso do esquipatico, incorrem em desdem a sobriedade dos termos e o singelo da construcção. Literatos, que andam sempre á cata de vocabulo estrambotico, como esses desoccupados que, por grotas e barrancos, se atiram caçando parasitas, certamente menos bellas do que as rosas, mas com o requinte da exquisitice.

Não é assim, quando escrevcis. Limpida vos sae a phrase. Evitaeis o artificio. Falaes como toda gente fala,— o que já constitue bom predicado para o primeiro escopo do escriptor, isto é, ser comprehendido.

«Nunca foi historiador estylista,— diz de Cesar um moderno critico, o Sr. René Pichon, na sua *Histoire de la littérature latine*. Posta de parte a pureza do vocabulario e a nitidez da syntaxe, nada absolutamente ha que notar em seu estylo, porque elle assim o quis. O grande merito do estylo de Cesar é não existir, porque tem uma transparencia absoluta.» (Op. cit., Paris, 1908, pag. 239.)

Isto, entretanto, não impede que, no entender de Cicero, correcção e limpidez sejam as qualidades dominantes do autor dos *Commentarios* nem que do seu vigor e vivacidade fale com admiração Quintiliano. Contentae-vos com isso, General; tomae para vós as rosas fragrantas e deixae a outros as parasitas rebuscadas.

No meio de tudo não vos descuidais de emitir opinião sôbre as insufficientes practicas do nosso ensino militar e sôbre a acção dissolvente do philosophismo que pretende emasculá-lo: «nem a hervadas allusões vos escapam esses officiaes — scientistas apreciaveis — (pala-vras vossas), conhecedores de todo movimento philosophico da França e da Alemanha, de Descartes a Emmanuel Kant, de Gottlieb, Fiechte a Augusto Comte, mas em grande parte adversarios do exercito, a que deviam educação e tudo». (Pag. 161.)

Percebe-se que, quando assim opinaveis, se de chofre vos hou-veram dado o poder, promptamente acudireis com o remedio. Perde-



riam talvez com isto a pedagogia, a mathematica transcendental e a cathechese... Mas ganhariam os altos interesses da defesa nacional.

Onde mais transparece em vossa obra a observação do homem politico, é nessa *Expedição a Mato Grosso* em que referis o malogrado tentame da restauração de um governador desauctorado. Longe de mim, neste lugar e nesta occasião, embrenhar-me em melindrosas ponderações. Assás conheço as conveniencias para tal fazer. Em salões de baile não se entra com armas de guerra. Eu por isto deixei lá fora a minha escopeta de livre atirador. Basta-me aqui dizer que na vossa epanaphora assistimos a um dos muitos actos em que se tem desdobrado a peça federativa; comprehendemos o estado d'alma das populações ignaras, trabalhadas por paixões violentas; e nos lugubres disparos que allí terminara no pleito, reconhecemos, entristecidos, quanto ainda nos falta para o tranquillo gôso da liberdade.

Representante, em todos estes successos, da fôrça que solicita occorrer para salvar o direito, certa razão vos assiste, General e confrade, para, talvez, propenderdes a esses terriveis meios de convicção, cujos dizeres se pontuam com a fusilaria e o canhoneio. A antinomia, contudo, entre vós e os partidaristas da paz universal é antes logomachia do que formal contradição.

Não ha, com effeito, nenhum espirito gneroso e de alto descortino (e entre elles o vosso) ao qual não sorria a perspctiva da universal concordia humana.

A idéa de um vasto convenio em que se estabelecesse a policia mundial para impedir e dirimir conflictos internacionaes, não é, aliás, tamanha utopia quanto em geral se pensa.

Transportemo-nos, pêla imaginação, aos tempos em que em um desfiladeiro da antiga Hellade se encontraram de ferro em punho, e disputando-se o passo, Laio, o inditoso rei de Thebas, e seu filho Edipo, ainda mais inditoso. Se, naquellas angustias, e quando mais se encruava o duello, alguém, um de nós, estivesse presente e fizesse ouvir o trilo de um apito, nenhum dos combatentes nos percebera o intento. Seriam precisas muitas palavras para lhes explicar que eramos utopistas e que anteviamos o mecanismo de uma « policia », isto é, de uma criação social para evitar que dois homens se degolem á vontade. Pois bem, General, o que eu e outro esperamos é que chegue o dia em



que se erie a policia internaional ; e nesse dia não mais se mancharão os desfiladeiros com o sangue dos iraseiveis.

Já na visão de Isaias, filho de Amós, se nos prenueciam pacificadas as nações, que das suas lanças terão forjado foiees e das suas espadas relhas de arado.

« Não levantará (diz o Vidente), não levantará uma nação a sua espada contra uma nação, nem mais se adestrarão para a guerra. » (Isaias, 11, 4.)

Nós, os catholicos, Sr. General, temos um livro, a Biblia, onde está quasi tudo : e, como vêdes, ahi tambem se acha a questão dos desarmamentos e a paz universal. Queira a mão mysteriosa, que para uns é a evolução ou fatalidade, mais em que nós adoramos o Deus eriator e providente, approximar de nossos dias o implemento da prophacia !

Mas, por outro lado, quando nos proprios congressos de paz, a importancia dos grupos humanos ainda se caleula pêlas das suas fôrças de terra e mar, pêla floresta das baionetas e pêla possança dos monstros marinhos, não ha quem, com verdadeiro patriotismo, não hypotheque suas sympathias áquella fraecção nacional que, armada e disposta ao sacrificio da vida, é o maior penhor da segurança interna eontra os botes da anarehia e, no exterior, eontra as injustas e trefegas eubiças do estrangeiro.

Não se trata de apurar o que haja de ser ; mas, discretamente, indaguemos qual é agora o estado dêsse problema humano. E, infelizmente, nos não sae eor de rosa a inquirição.

Conheceis todos, sem duvida, esse moderno livro, *The valor of ignorance*, em que um distincto official da União Americana, Homer Lea, consecutivamente ao tratado de Porthsmouth, tocou a rebate, denunciando a defeituosa organização militar de sua terra, em frente da progressiva pujança japonesa. Pois bem, dessa obra, que não é só de patriota, mas, de pensador, tiremos a conclusão do nosso inquerito :

« Uma analyse da historia (diz elle), demonstra que desde o decimo quinto seulo antes de Christo até hoje, isto é, em um decurso de três mil e quatrocentos annos, não tem havido mais de duzentos e trinta e quatro annos de paz. Umás ás outras se têm succedido as nações com monotona semelhança em sua origem, seu declinio e sua

grandeza. Todas ellas têm sido construidas por architectos que foram generaes, alvaneis que foram soldados, trolhas que foram espadas, e com pedras que foram as ruinas dos Estados decadentes. Seus periodos de grandeza inteiramente coincidem com as suas proezas militares e com as expansões que destas resultaram.» (Op. cit., *New York and London*, 1909, pag. 11.)

Deante disto, senhores, não creio haja brasileiro que das ruinas de sua patria deseje se tirem as pedras para as fundações no estrangeiro. Assim, os sentimentalistas que declamam contra a guerra, em todo e qualquer caso, andam errados; perseguindo a sua mosca azul, dão tombos desastrosos; e, finalmente, chegam a um termo bem differente do que se propunham. Um exemplo, que me parece gracioso, pode talvez illustrar o assumpto.

No saguão do *Jornal do Brasil* tereis todos visto um grande quadro preto, onde a sympathica Sociedade Protectora dos Animaes exhibiu, como reprovaveis instrumentos de tortura, o freio, as esporas e o chicote. Ora, aconteceu que, quando eu contemplava aquillo, havia ao meu lado um homem que não se cansava de dar mostras da mais viva indignação contra os objectos abominaveis.

— Mas, timidamente, lhe ponderei, se eu montar sem esporas, e em uma cavalgada sem freio, não ha duvida que me arrisco a vir ao chão.

— E que desgraça haveria nisso? perguntou-me o sujeito.

— A desgraça, respondi-lhe, é que eu tambem sou um animal, e assim sempre ficaria trilhado um élo da cadeia zoologica. . .

O mesmo se dá com os insanaveis ideologos que, descurando o mundo concreto, pretendem imitar aquelles cidadãos de Athenas, e eternizados pêla veia comica de Aristophanes, e que em aladas montarias se remontavam á *Cidade das Nuvens e dos Cucos* — imaginaria construcção, que de tantos annos precedeu as novidades do *Chantecler*. Taes sonhadores acreditam, por exemplo, que os povos são massas plasticas e que, inertes, se conformam ás philosophias por decreto; supprimem a religião, sem se lembrarem de que assim bem no amago vulneram as consciencias; e, quando ainda mal desponta o primeiro e indeciso clarão da paz universal, já intimam que nos desarmemos em frente do mundo armado. O melhor de tudo — quem o contesta? — seria que nunca brigassemos; mas na hypothese desa-



gradavel de uma lucta, ou pêla vida ou pêla honra, eu bem prefiro que os derrubados não sejamos nós.

Muito longe, porém, nos levaria esta digressão,— e já me corre outro dever, qual o de responder ás considerações tão nobremente sentidas que adeantastes sôbre o vosso antecessor na cathedra academica.

Foi elle, effectivamente, uma distincta e agigantada figura do nosso meio literario e social. A diversidade dos nossos temperamentos era-nos antes um incentivo á mutua sympathia ; e pêlo seu esplendido talento, pelos seus triumphos na tribuna parlamentar e popular, pêla bondade de seu trato cavalheiroso, pêla identidade dos nossos ideaes, eu o amava como se ama tudo que é moralmente grande e bello.

Eloquencia parlamentar, critica literaria, philosophia, historia, jornalismo, poesia, elle os perlustrou, esses diversos generos, e em nenhum decaiu da sua fama, posto que fôsse principalmente um orador. A forma politica então vigente lhe deparava na Camara dos Deputados uma arena admiravel e condigna da sua estatura. A imprensa, que no dizer de Jules Janin, desempenha no mundo moderno funcção analoga a daquelles vasos de bronze que no theatro antigo reforçavam a voz dos actores e lhe prestavam valentes sonoridades, a imprensa tambem foi para Nabuco um instrumento de glorias. Com a intuição da popularidade, Nabuco escolhia sempre as causas sympathicas, generosas, adeantadas. Aristocrata de indole, fêz-se democrata, abolicionista, federalista ; e foi preciso que da abolição saísse a Republica, que elle não amava nem queria, para que durante dez annos se retrahisse, occupando-se em reconstruir a fama paterna e deixar de si mesmo um padrão de auto-psychologia.

Um dia, em 1889, na ultima sessão da Camara dos Deputados da Monarchia, quando alli se apresentou o gabinete de 7 de Junho, eu ouvi a Nabuco um daquelles seus periodos em que luminosas se desenhavam imagens indeleveis. . .

Sentia-se no ambiente a aproximação da tremenda procella que estalou cinco meses depois ; tinha echoado no parlamento o primeiro *viva a Republica*, por boca de um padre catholico, João Manoel ; impetuosa e firme, como a replica de um mestre csgrimista, havia lampejado a palavra do Visconde de Ouro Preto ; e então de Joaquim Na-



buco partiu aquella sua comparação:— elle assemelhou-se, na defesa de seus compromissos, ao immovel rochedo que debalde açoutam as vagas na prêa-mar, e quêdo permanece, assignalando as raias do verdadeiro litoral... E, desde alli, General e confrade, eu prestei áquelle vulto a maior homenagem das minhas energias, e a mim mesmo prometti ficar com elle, e com elle aguardar o refluxo dos acontecimentos.

Sabeis o que depois houve. Quando Nabuco, sempre victorioso pêlo donaire e fidalguia, sempre festejado, como o exigiam seus elevados meritos e incomparaveis dotes pessoaes, quando Nabuco em tôrno de si via estrondar os applausos de seus antigos adversarios, elaro é que meu coração já não podia estar com o delle, porque o meu ficara no penhasco onde elle me assignalara o posto de honra...

Para o encargo de que ora tão desgeitosamente me estou desempenhando, eu fui designado pêlo então presidente *ad interim*, o prezado Sr. 2º Seeretario, que nesta easa dignamente continúa o nome de Alencar. O feitio moral dêsse illustre companheiro é antes modelado pêlo de Machado de Assis, com quem conviveu, e que parece ter-lhe deixado a herança de suas finas malicias, que aliás benevolas paravam ás portas do sarcasmo. O honrado presidente *ad interim*, nomeando-me, quis, talvez, delicadamente, fornecer-se o gôso de duas antitheses, dando-me a palavra, a mim, o mais bronco dos paisanos, para receber um brilhante General, a mim, o mais teimoso dos impenitentes, para dizer sôbre uma das valiosas acquisições da Republica. Mas não ha, como estaes vendo, difficuldade alguma em minha posição, nem outro receio agora nutro senão o de vos estar enfadando.

Poder-se-á conjeeturar que, tendo eu atacado a Joaquim Nabuco em a ultima phase da sua carreira publica, seria menos proprio para delle agora falar; ou que nestas minhas palavras se envolve remorso ou retractação.

Nada menos exacto.

Senhores, eu falo em uma assembléa de philosophos que, para os casos difficeis, conhecem admiraveis saidas, alçapões syllogisticos, pontes de argucias sôbre abysmos de factos; em um cenauculo de literatos que, fasciinados pêla forma para a segunda plana, relegam imprtincencias da moral; estou rodeado de jornalistas, cuja obra prima é



esse palanque da neutralidade sôbre todas as opiniões; mas tambem aqui haverá soldados e por elles quero ser julgados.

Imaginae, General e confrade, que apenas sois uma praça de pret e sentinella postada nas linhas extremas de um acampamento, após temeroso desastre que vos impõe dobrada vigilancia... A noite é escura — e bem escura aquella em que ainda nos achamos, pois anoiteceram os principios e bruxoleia a fidelidade aos ideaes... Subito um vulto transfoge. Fitaes a escuridão por lobrigar quem seja... Não, não se trata de um simples subalterno. Discernis as insignias de alto posto. E' um chefe, um chefe querido, que vae levar aos adversarios o contingente do seu merito, e talvez o segrêdo da victoria... Levaes a arma á cara e fazeis fogo... Francamente, General, vós terieis feito o mesmo — e foi o que eu fiz.

Os applausos, porém, com que a Republica accitou a Nabuco, longe de me contristarem pêlo contrario me envaideciam. Suas laureas, mesmo no campo adverso, eram até certo ponto nossas. Elle era o documento vivo do que podia dar a antiga cultura, em um meio fartamente oxygenado pêla liberdade. O terreno donde subia uma seiva tão vigorosa que de paes a filhos garantia a vivacidade intellectual, e sem descansar produzia dous Nabucos, dous Affonso Celsos, dous Rio Brancos, — esse terreno pode havê-lo fulminado o Ceu, podem tê-lo assolado os homens, mas não o digaes infecundo, não lhe lanceis o anathema da esterilidade!

Nabuco voltou vivo á patria, mas eu não mais o procurei, não mais me comprazi na sua palavra, que na tribuna era um clangor de combate e na intimidade um suavissimo arpejo. Depois voltou... morto. De uma das eminencias a cavalleiro da cidade, vi alongar-se o navio que levava o feretro de Nabuco. Lentamente o acompanhei com a vista até sumir-se nas fimbrias do horizonte; mas antes que, de todo e para sempre, alli se perdesse, não vos occulto que outras brumas, que não as do mar, me embaraçavam os olhos torvados de emoção...

Alludistes, General e confrade, a uma opinião de Nabuco, alvi-drando pêla superioridade da epopéa camoneana sôbre a *Comedia* dantesca, que os posteros condecoraram com o epitheto *Divina*. Permitti que nisto accéite respeitoso a vossa decisão. Em outros tempos, quando ainda estudante, formei parte de um gremio literario chamado *Amor ao Estudo*. Ahi faziamos paralelos entre os grandes homens.

Certa vez discutimos qual seria maior, se Alexandre, se Napoleão. As sentenças dividiram-se e foram calorosamente sustentadas. Afinal votou-se e, se bem me lembra, Napoleão ganhou por dois votos. Eu, que tinha de cor o meu Quinto-Curcio e ainda não lera Thiers, era partidista de Alexandre. Sua derrota muito me foi sensível, e desde então perdi o gosto para trabalhos de tal genero.

Creio mesmo que difficilmente elles se operam dentro da verdade. No tempo de Dante faziam-se cathedraes. O espirito medievo cantava entre as naves as matinas do romantismo, povoava de estatuas as fachadas, ennastrava com flores de pedra as cryptas, os altares, as janelas ogivaes, e subindo, subindo sempre, rendilhava as torres esbeltas e só parava no azul da immensidade, onde cravava as flechas ponteagudas. Na época de Camões, o Português tinha dous credos : o do Christo e o da Patria. No peito heroico, como lá diz o Sá de Miranda, elle trazia entalhadas as suas quinas. Cada poeta reproduziu a feição característica das suas crenças e do seu patriotismo. Um olhava para o ceu ; outro para o mar. Ide agora fazer o confronto entre a cathedral e a caravella !

Nabuco negou á obra capital do Alighieri o character de epopéa. Formaes palavras suas :

« *Divina Comedia* não é propriamente um poema épico : é um poema phantastico, é o sonho de uma imaginação tão grande quanto melancolica. Nada ha ahi de real ; são espectros que fogem e se evaporam. . . » (*Camões e os Lusíadas*, Rio de Janeiro, 1872, pag. 78.)

Não vejo nisto razão maior. Camões nunca foi mais épico do que quando engendrou o *Adamastor*, colosso phantasma que suscitou a admiração mesmo do tantas vezes leviano Voltaire ; e bem me custaria, se em julgado passara tal opinião, riscar da lista das epopéas a *Messiada* de Klopstock, a *Assumpção* do nosso São Carlos, — e o *Paraiso Perdido* de Milton.

O facto é que, em toda creação épica ao lado da realidade fria e palpavel ha de haver lugar para a natureza moral com as suas definidas aspirações e surtos incoerciveis. Não amesquinhemos, portanto, como phantastico o que talvez não exista, mas, repentinamente gerado pelo *fiat* do genio, logo acode a uma das indeclinaveis necessidades do nosso espirito. Na obra do Dante, essa Francesca de Rinini, apenas lobrigada na historia, eu a vejo tão viva e tão bella como a *Lindoya*



do nosso Uruguay, cuja realidade ainda é mais problematica, e ambas como a *Ignez de Castro*, que certamente viveu, e mesmo antes de Camões já se idealizara nas estancias de Garcia de Resende. O phantastico, pois, não exclue o épico ; e se me disserdes que as figuras dantescas não passam de espectros, eu vos responderei que antes são visões luminosas, e que com ellas, na Italia medieva, se guardou o clarão intellectual da antiguidade, e á tradição virgiliana se ligou o floresjar da Renascença.

Assás, porém, me tenho demorado neste ponto ; e já me tarda rematar com alguma cousa no tocante áquella outra difficuldade em que me collocou a designação para occupar esta tribuna.

Qualquer que fôsse a divergencia que entre nós existira, Sr. General, e que me difficultasse a tarefa de receber-vos, cederia o passo a uma consideração de ordem superior:— e é que, por compensar as dissidencias, que tanto se reflectem no que escrevemos, entre nós existe um liame duplo, de natureza philosophica e literaria.

Para mim representaes, Sr. General, o principio da auctoridade que paira acima das formas de govêrno. O que ora está verdadeiramente em questão não é se o supremo magistrado tem de ser vitalicio ou quatriennial, se por investidura hereditaria ou se mediante o que chamaes eleição : o que se agita na profundeza das consciencias em revolta é a suppressão de toda fê, de todo culto, de todo govêrno. Os que se alegram quando uma realeza vem abaixo, mal reparam na grande semelhança entre as cathedras chamadas thronos e os thronos em que se assentam as magistraturas democraticas. O dia de amanhã, para todos os povos, prenuncia-se cheio de borrascas. Encostae ao chão o ouvido como fazem os nossos indigenas, e apprendereis que não longe vem a turba desvairada e destruidora.

Nestas condições, em meio das tendencias anarchizantes da actualidade, cu vos considero, a vós e aos vossos companheiros de armas, como o ultimo baluarte de uma ordem de cousas periclitante nas sociedades modernas, e cuja queda marcaria o mais fragoroso desabe social.

E o vosso papel nesta Academia, folgo em dizê-lo, é ainda um prolongamento da vossa missão no mundo politico.

Esta academia, como todas as suas congengeres, é um corpo de promptidão em defesa das leras nacionaes.

Não devaneio.



« Nosso desejo (foi Machado de Assis quem o discursou na sessão de abertura em 20 de Junho de 1897), não conservar no meio da federação politica a unidade literaria » *Revista da Academia Brasileira de Letras*, anno I, n. 3.

Eis ahi : — a unidade nacional que com a espada profunde lá fora, aqui com a penna esforçado a propugnar.

Nem vos assuste o temperamento revolucionario dos nossos confrades. Suas tendencias demolidoras não são perigosas. Fundamentalmente somos todos conservadores.

Elles mudaram, por exemplo, a orthographia, contra o tradicionalista. Vestiram de *kaki* o dicionario ; mas isto é uma questão de uniforme. Na tactica e estrategia elles dispõem de idéas estrangeiras. Todos os dias escrevem formosas paginas adoraveis, venustas prosas, em castiça linguagem, e sem esquecer as gloriosas tradições do vernaculismo.

Havia antigamente um remedio que se chamava *triquetario* em cuja composição entravam innumerables substancias venenosas. Destas algumas eram toxicas, mas logo na mistura perdem a sua peçonha. O effeito final tornava-se magnifico. A triaga curava mordeduras de cobras e uma infinidade de mazellas. Querem que com as academias se dá o mesmo. Entram nellas idéas formidaveis ; mas finalmente, o resultado é benefico. Estas academias são uma corporação conservadora.

E vêde como por isto alacremenente ella vos recebe ! Esta é a guarnição da nossa acropole. Perfilam-se correctos seus intellectuaes, e os seus oradores. Resôa, em honra vossa, uma fanfarrinha de applausos taes no meio dos vossos camaradas. Sêde bem-vindo, Generalissimo.

Carlos de Lae

(da Academia Brasileira de Letras)

prolongamento  
Esta acad  
promptidão em  
Não deva



64661/1979

SS  
to  
e  
o  
en

so paper n  
ento da vossa mi  
academia, como to  
o em defesa da l  
levaneio.



